

Portfólio da Etnografia: Relato de uma prática pedagógica

Ethnography Portfolio: Report of a pedagogic practice

Prof. José Aparecido Oliveira

Faculdade de Estudos Administrativos de MG - FEAD

Resumo: Este trabalho tem por objetivo descrever experiências pedagógicas utilizadas na docência da disciplina Antropologia no curso de Psicologia, tendo como estratégia a adoção da metodologia da observação participante para o trabalho de campo. Os alunos são divididos em grupos e orientados a buscar grupos humanos e ou minorias. Os resultados permitem construir um portfólio digital fechado em uma rede social com diferentes traços culturais presentes na região metropolitana de Belo Horizonte. Conclui-se que os alunos experimentam grande amadurecimento e aumento da percepção do outro após a realização dos trabalhos.

Palavras-chave: antropologia; observação participante; etnografia; trabalho de campo.

Introdução

A disciplina Antropologia no curso de Psicologia exercida na Faculdade de Estudos Administrativos de MG (FEAD) tem como objetivo central despertar o aluno para um olhar antropológico capaz de perceber a diversidade cultural como integrante da riqueza do ser humano atentando, sobretudo, para o desafio de uma prática profissional futura engajada no princípio do relativismo cultural.

Ciente da difícil tarefa de perceber a diversidade em um mundo marcado por divisões e preconceitos de toda classe, a disciplina tem como um de seus eixos teórico-metodológicos a prática da Observação Participante, ou como é mais conhecido – o Trabalho de Campo Etnográfico.

Com este trabalho, principal quesito da avaliação da aprendizagem com exceção das provas, espera-se que o aluno possa imergir, após as discussões em classe e leitura dos textos propostos, realizar incursões de campo com diferentes situações e vivências de

grupos humanos que possam traduzir diferenciais antropológicos para a discussão em sala de aula.

Os resultados iniciais da observação participante, após a etnografia de campo, são compartilhados em apresentações em grupo. Com relação às questões éticas, o grupo é fechado e somente alunos possuem acesso ao mesmo. Nele são publicadas as sínteses das etnografias e também as fotos, quando as pessoas que fazem parte da pesquisa concordam em serem fotografadas.

Estas apresentações são bastante intensas do ponto de vista de argumentação, participação e discussão em classe. Os alunos ficam bastante interessados em adentrar questões próprios de mundos pouco conhecidos como prostituição, homoafetividade, sadomasoquismo, famílias de suicidas, mulheres vítimas de violência, praticantes de *swuing*, ciganos, sofredores de rua, andarilhos, dentre inúmeros outros que compõem a vasta cena urbana.

Deste modo, o trabalho tem sido bastante proveitoso por permitir ao aluno do curso de Psicologia adentrar em diferentes universos antropológicos com os quais somente teria contato após o início de sua prática profissional.

Posteriormente os alunos preparam a redação da descrição etnográfica e, juntamente com o material de fotografia antropológica, postam o conteúdo em grupo fechado na rede social Facebook (Pensta – Antropologia).

Com isto, espera-se que a rede social, construída ao longo da experiência semestral, possa se constituir num rico acervo antropológico que terá versão impressa a cada semestre. Além do portfólio impresso ao fim de cada semestre, o portfólio digital na rede social está se constituindo em uma curadoria digital sobre a diversidade cultural presente na Grande Belo Horizonte e adjacências.

A etnografia para a antropologia

O Aurélio define etnografia como “parte dos estudos antropológicos que corresponde à fase de elaboração de dados obtidos em pesquisa de campo e estudo descritivo de um ou de vários aspectos sociais ou culturais de um povo ou grupo social”. Para Clifford Geertz, fazer etnografia é “estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogia, mapear campos, manter um diário”, de modo a elaborar uma “descrição densa” para um processo de interpretação que pretende dar conta de

estruturas significantes que estão por trás e dentro do menor gesto humano. (TRAVANCAS, 2010, p. 98).

A etnografia consiste em um dos ramos da ciência da cultura que se preocupa com a descrição das sociedades humanas. Lévi-Strauss (1967, p. 14) define-a de modo mais preciso e objetivo. Para ele, a Etnografia "consiste na observação e análise de grupos humanos considerados em sua particularidade, e visando à reconstituição, tão fiel quanto possível, da vida de cada um deles" (MARCONI & PRESOTO, 2009, p. 5).

Malinowski enfatizará que a convivência íntima e por períodos extensos – o mergulho na cultura do outro – será a única maneira de o antropólogo conhecer profundamente uma cultura específica e entender o significado de suas lógicas muitas vezes particulares. (TRAVANCAS, 2010, p. 99).

De acordo com Da Matta, o ofício do etnólogo exige, primordialmente, uma dupla tarefa: transformar o exótico em familiar, e, inversamente, transformar aquilo que nos é familiar em exótico (DA MATTA, 1978, p. 28).

O primeiro momento diz respeito ao encontro do pesquisador com a sociedade do “outro”, do diferente. É seu confronto pessoal, não apenas com o isolamento e a “saudade”, mas também com um universo diverso do seu, com outros códigos, outras lógicas, outra maneira de viver e pensar. O segundo movimento é o que envolve o antropólogo que decide pesquisar a sua própria sociedade, procurando encará-la de uma forma nova, experimentando o “estranhamento” dentro da própria cultura. (TRAVANCAS, 2010, p. 100).

Destacamos, a seguir, alguns exemplos de trabalhos apresentados em classe e publicados no portfólio virtual:



Figura 1 - Samba da meia noite

O Samba da Meia Noite é formado por um grupo de pessoas que se apresentam quinzenalmente debaixo do Viaduto Santa Tereza, em Belo Horizonte. Denominam-se como uma família de sambadores e sambadeiras, que trazem seus batusques e chulas as heranças, lembranças e vivências ancestrais de uma cultura singular que tem origem no Recôncavo Baiano.

Figura 2 - Quilombo Mato do Tição



A comunidade remanescente de quilombola, denominada Mato do Tição, localiza - se no município de Jaboticatubas, há 72 km de Belo horizonte.

A origem do nome da comunidade deve-se às tochas que os negros acendiam para se aquecerem do frio e iluminar o caminho durante a locomoção pelas trilhas locais. Assim, o tição aceso passou a ser característica da região.

Figura 3 - Doutrina Espírita no Tratamento Psiquiátrico



Abordagem espiritual no tratamento psiquiátrico realizado no Hospital Espírita André Luiz. Instituição de medicina convencional, com seus equipamentos, medicamentos e profissionais dividindo espaço com a doutrina espírita, com seus médiuns, passes, fluidos, etc.

Figura 4 - Cultura cigana



Os ciganos da etnia Kalon, residentes em Belo Horizonte, vivem atualmente em um terreno de propriedade da União. Situados ao longo do bairro Ouro Minas, a nordeste da capital mineira com acesso pela Via 240 – Av. Risoleta Neves - sentido Santa Luzia.

Figura 5 - Povos Pataxós: A festa das Águas



Pataxó é água da chuva, batendo na terra, nas pedras, e indo embora pro mar. Os Pataxós são índios que nasceram dos pingos da chuva. Segundo o mito de origem os Pataxós teriam caídos na terra para serem felizes, para plantar, pescar, cuidar e proteger a natureza, aprender com os velhos segredos da terra e ensinar as crianças.

Figura 6 - Meninas de Sinhá



As meninas de sinhá são senhoras que cantam e dançam se apresentando em eventos culturais, escolas, e se juntaram a partir da Valdete que percebeu o grande uso de medicação antidepressiva e decidiu ajudá-las de forma mais saudável. Antes de entrarem para o grupo estabeleciam uma relação de patriarcado muito forte em suas famílias.

Figura 7 - Comunidade Luso-brasileira Gil Vicente



O Centro da Comunidade Luso-Brasileiro de Belo Horizonte (CCLB-BH) foi fundado em 1912, com o nome de Comunidade Portuguesa, pelo Senhor Abílio Nunes Figueiredo. A Secretaria da CCLB-BH encontra-se em sua Sede Social, localizada na Rua Curitiba, 746-1º andar.

Figura 8 – grupo Pensata – Antropologia





Referências

BARBOSA, Lívia. **Consumo, logo comunico** - Abordagens etnográficas em estudos de comunicação. Palestra no auditório da PPGCOM ESPM. 12/04/2013. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=aHbeTzvZi8>>

DA MATTA, Roberto. “O ofício do etnólogo ou como ter ‘Anthropological Blues’”. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

MARCONI, Marina & PRESOTO, Zélia. **Antropologia: uma introdução**. São Paulo: Atlas, 2009.

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In: DUARTE, Jorge & BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada**. Tradução de Maria Lucia de Oliveira. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.